

O mar de Peniche na obra de Ida Guilherme¹

Teresa Perdigão

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (Universidade Nova de Lisboa)

Para Ida e Graciete Guilherme

O mar de Peniche e o da ilha Berlenga são mares representados na pintura, na poesia e nas rendas de bilros de Ida Guilherme.

Nasceu em Peniche (1931), fez da Berlenga o seu sítio favorito e colheu no mar a semente do seu trabalho. Rendilhou, pintou e poetizou o eco que do mar recebeu, legando ao seu território uma herança de narrativas marítimas.

Conheci Ida Guilherme quando me interessei pelo saber-fazer das rendas de bilros de Peniche e pela transmissão desse conhecimento. Ao longo destes quase 20 anos,

¹ Agradeço a colaboração e as informações prestadas por Ângela Malheiros (Biblioteca Municipal de Peniche) e por Marisa Ferreira (Câmara Municipal de Peniche).

os nossos encontros têm sido frequentes. Depressa me apercebi do seu dinamismo e acção em defesa desta renda e aos poucos me deixei enredar pelas suas maneiras de viver a paisagem. Não foi instantâneo, este meu sentir. Foi-se declarando com a emoção da descoberta, materializada na palavra, nos gestos e no afecto. O ateliê onde escrevia, pintava, desenhava, rendilhava e convivia era o meu espaço preferido para as nossas conversas. As paredes, repletas de quadros, de poemas, fotografias, certificados de honra e rendas, eram o eco das memórias da mulher que eu ia conhecendo por trás de uma obra tão diversa. Era ali que exercia as suas artes, complementares umas das outras, que tinham só sentido nesse lugar de origem. Renda, paisagem e palavras embalavam-nos no tempo, numa ligação orgânica com o lugar, dentro e fora do ateliê². Generosa, fina no trato, com a liberdade de quem tem um quotidiano entregue a si própria, conhecedora da comunidade penichense, apreciadora dos Pastéis e dos Esses (bolos secos) de Peniche, bem como da Caldeirada Berlengueira.

Os seus pais trabalhavam na ilha durante o Verão, e ela, com a sua irmã, lá passava todo o tempo de férias. A pesca era um dos seus passatempos. Sozinha ou com os pescadores, percorria o mar envolvente da ilha. Os bilros eram outro passatempo, uma obrigação tornada prazer. Foi na escola que aprendeu a ser rendilheira, pois a sua mãe, contrariamente à maioria das mulheres e crianças de Peniche, não se debruçava sobre a almofada dos bilros³.

Foi professora de Lvores Femininos dos Liceus, Mestra de Formação Feminina do Ensino Técnico Profissional e Professora de Trabalhos Oficinais do Curso Unificado do Ensino Secundário.

Publicou vários livros dedicados às rendas e a Peniche, que mostram grande parte da sua obra pictórica, da sua poesia e dos motivos que desenhou para as rendas.

² Segundo Daniel Buren (1979), o ateliê do artista é um *lugar único*, onde se *faz* o trabalho, enquanto que o museu, também ele *lugar único*, é onde se *vê* o trabalho. O ateliê é o lugar de origem do trabalho. É um lugar privado e de criação de objectos transportáveis, de onde só saem os que o artista permite que saiam.

³ Ver glossário. Note-se que *almofada* é a designação dada ao suporte sobre o qual se fazem as rendas de bilros.



Figuras 1 e 2 – Capas de dois dos livros de Ida Guilherme. Fotos de T. Perdigão.

Este artigo interroga e procura desvendar como o território se articula com o pensamento, com sensações e emoções, de forma a perceber a paisagem que se inscreve nas suas criações.

Para Ida Guilherme, o caminho de mar que vai da ilha Berlenga a Peniche⁴ é um dos mais significativos da sua vida. Férias, para ela, era tempo passado na ilha. Lá, tinha os pais, o barco a remos e os bilros. Regozijava-se com o invisível prazer

⁴ Peniche é uma cidade, com aproximadamente 25.000 habitantes, situada a cerca de 260Km a Sul do Porto e a 100Km a Norte de Lisboa. É um porto onde até à primeira metade do século XX chegavam muitos barcos de pesca. A população masculina era, na sua generalidade, de pescadores. Mulheres e crianças faziam rendas de bilros que eram vendidas por todo o país. Com o desenvolvimento da indústria conserveira, as mulheres começaram a abandonar progressivamente as rendas e tornaram-se operárias das fábricas de conservas. Note-se que, em 1915, já havia 13 unidades fabris e o seu número foi sempre crescendo até aos anos 50-60.

O mar deixou de ser um recurso onde se pescava, porque as frotas foram consideravelmente reduzidas, e passou a ser um destino turístico e desportivo. A ilha Berlenga fica a 20-30 minutos, de barco, desde o porto de Peniche.

A partir de 2009, Peniche figura oficialmente na rota internacional dos lugares aprazíveis para o surf.

que a emoção da paisagem lhe despertava quando remava solitária ou quando acompanhava os pescadores na faina da pesca. Era a liberdade que lhe satisfazia a curiosidade. Era a curiosidade que a incentivava a viver a liberdade que o mar lhe suscitava.

Terá guardado para si a poesia que os seus olhos de criança escutavam, que mais tarde veio a publicar, e só em adulta pintou as paisagens que os seus ouvidos viam⁵.

Da sua produção artística, destaco as rendas de bilros, a pintura e a poesia que dedicou ao mar.

Em 2003, desenha a *Nau Catrineta*, que dá a executar, em renda de bilros, à irmã Graciete, iniciando, assim, a ruptura com a tipologia de figuras geométricas e florais, até aí dominantes nas rendas de Peniche, acompanhando as mudanças sociais, culturais e económicas. Em 2009, já é notória e diversificada a sua produção de motivos marítimos em renda.

As três tarefas: “Escrever, pintar, rendilhar, afinal: sonhar, sonhar, sonhar”⁶

Na poesia, revela uma total receptividade do sítio onde nasceu e cresceu, a cidade de Peniche e a ilha Berlenga, ouvindo o rumor do mar e gravando todas as suas imagens⁷. De ouvido tão atento como o olhar, sabendo ouvir e ver, seguindo a perspectiva de Paul Claudel, que aconselha o observador, a ouvir com os olhos, pois a vista é o órgão da aprovação activa e da conquista intelectual, enquanto

⁵ Claudel, Paul – *L’œil écoute* é o título da obra onde o Autor desenvolve os conceitos de olhar e ver uma obra de arte, recorrendo à variação de olhar e de ouvir o testemunho do quadro ou da paisagem.

⁶ Verso do poema da autoria de Ida Guilherme, “Peniche a Terra Onde Nasci” in *Abraço Peniche*, p.54.

⁷ Adopto a terminologia de Georges Didi-Huberman, no que diz respeito ao conceito de “imagem” que, segundo o Autor, existe sempre em função de algo, é sempre relativa a qualquer coisa. Por isso, a ontologia da imagem não se faz. A morfologia, sim. Quer dizer, qual o seu valor, a sua dimensão ética e o seu lugar numa reflexão crítica.

o ouvido é o da receptividade, Ida Guilherme edificou uma obra que, entre telas, rendas e palavras, forma um todo de onde emerge em permanência o mar⁸.

Na poesia, ele é o seu amigo íntimo, o confidente, o companheiro de sempre, na sua companhia:

São beijos de ternura que me dás / nesse teu marulhar belo e amante / e na música que a brisa me traz / Há um sussurro doce e inconstante⁹.

Com esse mar, que louva e enaltece, metaforiza a sua paternidade e a sua essência:

sou filha da espuma e do mar¹⁰; // Corre nas minhas veias / sal do mar. / Dos olhos / as lágrimas são salgadas. / Rodeada de mar / eu me transformo em rio / e num rio de amor / ao mar eu vou voltar. // Feita de areia e de mar sou um pedaço de rocha¹¹.

Identifica-se com os elementos que o mar lhe traz, fundindo-se neles, repleta de emoção e de sensações que, ao leitor, parecem tecidas na paisagem que a rodeia e que sempre a influenciou.

Há um entrecruzar de sons, de música, de cores e de sentimentos intrinsecamente ligados ao pensamento, ao orgânico e ao espiritual, tanto na pintura, como na poesia. Há um valor ontológico entre a criação e os sentimentos que advêm da quase total identificação com o mar e com a ilha à qual dedica várias telas e poemas, sendo que, em *Namoro*¹², consubstancializa, em verso, o conjunto das suas criações – pintura, poesia e rendas – que englobam a sua própria existência:

Tuas águas transparentes / onde o jardim feito de algas, / de cores verdes, pinceladas, / sempre lindas, as mais belas, / cheias de luz e de cor / vivem na minha

⁸ De 2004 a 2015, fez várias publicações: *Piques e Rendas de Peniche, Memórias de uma Vida* (2004); *O Mar o Amor e o Tempo* (2005); *Poesia Rendilhada* (2008); *Amar Peniche* (2010); *Saberes e Sabores da Terra e do Mar* (2012); *Abraço Peniche* (2015).

⁹ "Mar de Sempre" in *Abraço Peniche*, p.9.

¹⁰ "Renda Encantada" in *Piques e Rendas de Peniche, Memórias de uma Vida*, p.10.

¹¹ "Filha do Mar" in *Saberes e Sabores da Terra e do Mar*, s/paginação.

¹² *Abraço Peniche*, p. 36.

memória / que grava com muito amor, / nas minhas telas, / a nossa mais linda história.

Tanto na escrita, como na pintura há um processo de tradução de diálogo constante com a natureza, que reproduz a estética do seu existir, moldada pela curiosidade, pela reflexão e pela inventividade.

Mar, que seríamos sem ti? / Em toda a beleza te revejo / o teu paraíso já vivi / e, deixo-te, Mar / o meu último beijo¹³.

Em um outro poema intitulado *Mar*, é a este que recorre e nele crê encontrar conforto, nos últimos dias da sua vida:

serás tu, mar, minha breve madrugada / que vem anunciar-me, num alvor feliz: a morte espera-te, não estás abandonada, / ofereço-te o meu leito bordado a matiz¹⁴.

A poesia, que constantemente dialoga com o mar e com a ilha, soma a este núcleo do seu pensamento, a renda de bilros, numa directa metamorfose, como se, sem os três elementos juntos, houvesse um vazio de sentido no seu mundo envolvente. Dois exemplos, entre muitos:

Arredondo o dia que enquadro na noite / e que devora esta efémera existência, / mas não há tristeza que me invada: / escrever, pintar, rendilhar, afinal: sonhar, sonhar, sonhar¹⁵.

Ou,

Berlenga, ilha encantada / renda feita de mil cores / teu corpo, minha almofada / os bilros os amores¹⁶.

¹³ "O Mar" in *Saberes e Sabores da Terra e do Mar*, s/p.

¹⁴ "Mar" in *Abraço Peniche*, p.38.

¹⁵ "Peniche a Terra Onde Nasci" in *Abraço Peniche*, p.54.

¹⁶ "Berlenga, Ilha Encantada" in *Abraço Peniche*, p.68. Note-se que almofada também é a designação dada ao suporte sobre o qual se faz a renda de bilros.

Ida Guilherme imprimiu vários e variados olhares nos quadros em que figurou a ilha e, na poesia, descreve-a feita de renda, anima-a de vida fazendo do território a sua almofada, dando a este termo um duplo sentido, pois não só busca na ilha o lugar de repouso e descanso – a almofada – expressão que também designa o objecto sobre o qual se executa a renda de bilros (Figura 3).



Figura 3 – Almofada com bilros. Museu de Bilros de Peniche. Foto: T. Perdigão (2021)

Revela-se também na pintura a representação dupla do lugar e dos sentimentos que a prendem ao mar, tanto como paisagem e fonte de sustento, como memória eterna. No quadro intitulado *Estaleiro da Gamboa – Últimos Barcos*, a Autora legenda: (...) *só o mar, saudoso, por ele vai chorar / eternamente de saudade*¹⁷.

¹⁷ In *Saberes e Sabores da Terra e do Mar*, s/p; vejam-se algumas das suas pinturas a óleo, como *Fortaleza -Berlenga* (2003); *À Espera de Maré* (2003); *Ilha Berlenga* (2006); *Rochedo – Remédios, Peniche* (2001).

O estaleiro da Gamboa, assim chamado por se situar na praia com o mesmo nome, que fica junto aos portões de Peniche de Cima, é uma referência para a história da construção naval da cidade.

Contudo, se a memória do ser humano tende a esquecer, o mar, esse, eternamente o recordará, como testemunho fiel à comunidade obreira de Peniche.

Esta fusão é evidente quando atento na paginação dos seus livros, dos quais realço *Abraço Peniche* (2015) onde estão representados, em dupla página, um quadro da Berlenga, um poema à ilha e uma réplica de ânfora romana rendada em bilros (Figura 4).



Figura 4 – *Abraço Peniche*, pp. 68-69. Foto: T.Perdigão.

É de notar o rigor da legenda que não se satisfaz com a indicação de que se trata de bilros, mas acrescenta e reforça, “de Peniche”. Assim, a Autora identifica e individualiza um processo de rendilhar que considera ser específico da sua cidade, “os bilros trabalham na palma da mão”, como dizia sempre que se deslocava às escolas

como divulgadora de um programa da Câmara Municipal de Peniche intitulado *As rendas de bilros vão à escola*.

Dando ênfase a esta trilogia – escrever, pintar e rendilhar – em *Amar Peniche*, a Autora inclui o poema intitulado *Às rendilheiras de Peniche*, que ilustra com o quadro denominado *Renda da Clotilde* (Figura 5), onde figura um naperon feito por esta rendilheira, sua amiga, sobre o qual vemos três búzios dentro de uma canastra, evidentes ícones marítimos¹⁸.



Figura 5 – *A Renda da Clotilde*, óleo sobre tela. Foto T. Perdigão

¹⁸ *Amar Peniche*, pp. 22-23.

O búzio evoca as águas, seu seio materno, evoca a fertilidade e a prosperidade¹⁹. É, simbolicamente, a voz do mar, que se escuta quando o colocamos no ouvido, mas é também um elemento que contribui para executar as rendas de bilros. Serve para dar lustro ao cartão (ver glossário) que, depois de ser colorido com anilina cor de açafraão, tem de ser muito bem limpo antes de usado sobre a almofada onde a rendilheira trabalha, servindo de guião²⁰. Além de dar lustro, o búzio contribuía para impermeabilizar e dar mais durabilidade ao cartão, que amiúde passava de mão em mão e de geração em geração. Actualmente, é muito mais usado um pano branco, em sua substituição. O búzio da figura 6, que faz parte do acervo de Ida Guilherme, de tanto ser usado, foi perdendo a sua própria coloração.



Figura 6 – O búzio sobre o cartão. Foto: T. Perdigão.

¹⁹ *Dictionnaire des Symboles*, pp.283-284.

²⁰ O búzio utilizado é da família das *cipreias*, designado por *cipreia-tigre*.

O naperon (fig.5) é representado em pormenor, como se fosse a própria renda. A Autora inverte a antiquíssima técnica oriental de *pintar com a agulha*. Aqui, é como se rendilhasse com o pincel, juntando as suas competências de profunda conhecedora das técnicas de trabalhar com bilros e de usar o pincel, tanto a aguarela, como a óleo.

Refiro-me à curiosidade, à reflexão e à criatividade na sua obra e na sua vida, expressas com subtileza em exemplos que venho assinalando, aos quais acrescento a *Homenagem a Clotilde*, um evento que envolve as mulheres e meninas rendilheiras, a quem também dedica vários poemas.

Ao longo deste escrito, que não é apenas o resultado da observação e análise da sua obra, mas um testemunho de encontros, emergem directa ou indirectamente conceitos da Ética de Foucault, que é oportuno explicitar²¹.

Parece haver na prática laboriosa de Ida Guilherme uma reflexão constante, um cuidar de si, como uma *estética da existência*, definida por este Autor, segundo a qual o ser humano revela uma experimentação de si próprio, enquanto processo inovador, não como um produto alheio, mas como uma existência pensada como uma obra inteira e bela.

Ao dar a ver a sua identificação e fusão permanentes com o território através da poesia, da pintura e das rendas, a artista revela a sua postura ética, reflectindo sobre si própria e sobre o mundo. É assim que a vida se torna em algo de belo, culminando numa *estética da existência*. Os seus livros associam-se a esta linha de pensamento e contribuem para consolidar e confirmar a sua intervenção activa, em suma, a sua prática reflectida da liberdade, condição ontológica da ética. Dou um exemplo: em *Piques e Rendas de Peniche*, a Autora publica os seus trabalhos para que as rendilheiras os usem e, assim, diminuam “as dificuldades com que se deparam por falta de desenhadores com novas composições e novos piques”²². As suas

²¹ Segundo Foucault, ética é a prática reflectida da liberdade; a liberdade é a condição ontológica da ética.

²² *Piques e Rendas de Peniche*, p.19.

múltiplas idas às escolas inseridas na campanha já atrás referida, *As rendas vão à escola*, e outras tomadas de posição em defesa da salvaguarda das rendas revelam um insistente empenhamento ético de alguém que observa para si e se volta para o exterior, numa troca entre interior e exterior, entre sentimentos e vivências, que dão corpo à emoção.

O mar rendilhado

Como tenho vindo a descrever, em Ida Guilherme, pintura, poesia e renda constituem uma rede simbólica de alegoria ao mar.

Não se trata de um caso único, obviamente, embora surpreenda a insistência, a persistência e a permanência desta temática na pintura e na poesia, artes às quais se junta a renda de bilros em motivos marítimos. Estes elementos inseridos nas rendas eram raros, pois dominavam os motivos florais e geométricos.

Contudo, pretendo fazer a distinção entre trabalhos que incluem esses elementos na própria renda, conforme se vê na figura 7, e o que faz Ida Guilherme. É nos finais dos anos 80 que desenha e executa (ou manda executar, sob a sua orientação) motivos que têm vida autónoma, que podem ser suspensos numa parede, como um quadro ou uma tapeçaria²³.

²³ Agradeço à CM de Peniche, na pessoa de Marisa Ferreira, a cedência da foto7.



Figura 7 – Renda de motivos marinhos, desenho de Clementina Carneiro de Moura, espólio da Escola Secundária de Peniche, cedida ao Museu de Bilros de Peniche. s/d. Foto CM Peniche.

A sua função não é, como até aí, para uso doméstico, como eram as toalhas, os lençóis e naperons ou aplicações em vestuário, em leques ou em sombrinhas. Eram referências ao mar, como os trabalhos que intitulou: *Velas Soltas*, *Gaivota*, *Redes*, *Ouriço-do-mar*, *Flores do mar*, *Estrela do Mar* e *Nau Catrineta* (esta, em 2003), até que, em 2009, desenha uma onda no meio da qual se percepçiona uma prancha de *surf*, para ser executada em bilros (Figura 8).

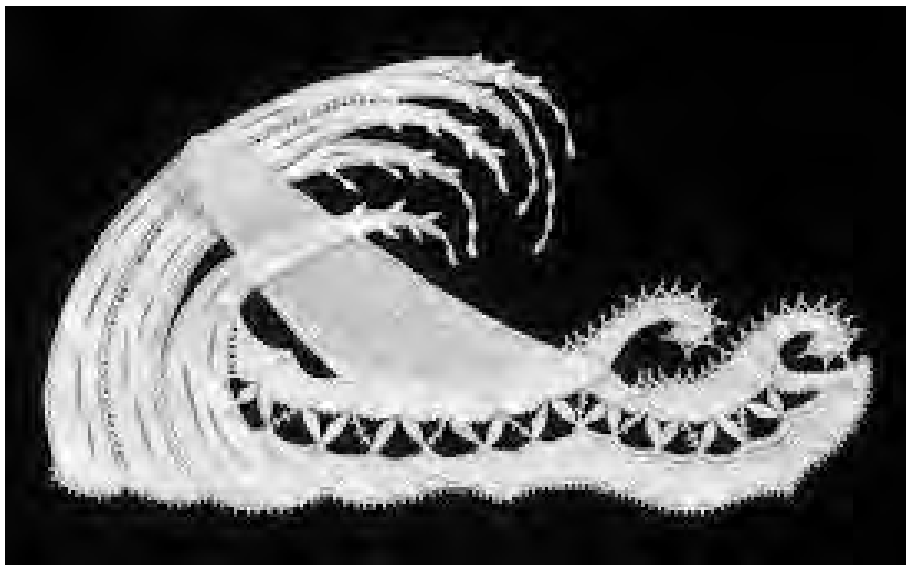


Figura 8 – *Onda* – Desenho de Ida Guilherme. Renda de Graciete Guilherme. Foto: Teresa Perdigão

Nesse mesmo ano, escreve um poema intitulado *Surfando-Sonhando*, para o *Rip Curl Pro Search 2009*, acontecimento dedicado ao *surf* de competição profissional, que fez, deste poema, o seu cartaz publicitário. A própria ilustração do cartaz, que faz jus a Peniche, explicitamente, como “capital da onda”, assemelha-se à onda criada por esta artista e inclui o seu poema:

*A onda vai e vem / e sobre ela, com amor, / na minha prancha, / venho e vou também.
/ Leve como um sonho, / sonharei. / No enrolar da onda, / no tubo que ela faz, desfaz
e refaz, a sonhar vencerei / o mar, / na onda sempre desigual, / que beijara na praia,
apaixonada, / o seu belo areal. / Trazida pelo vento, / em espuma, desabrochando
/ como uma flor, / rápida como o pensamento, / enrolando, / a onda transparente /*

*e como um cavalo alado, / que me leva voando / sobre um mar-jardim / surfando,
sonhando, / às praias do mar sem fim, / meu Mar amado²⁴.*

Parecia, para quem acompanhava o seu percurso com assiduidade, emoção e interesse, que atingia deste modo o auge das suas criações, resultado da simbiose sempre sentida entre o lugar, a paisagem e a própria artista, observadora activa. Neste caso, a paisagem não se dá unicamente a ver e a perceber em todos os sentidos, mas também a ser vivida e sentida. A nossa posição diante da, ou na paisagem, não é a de um espectador imóvel. Por isso, nos movemos nela e nos emocionamos. A paisagem é um espaço vivido, lugar de uma experiência emocional, individual, que tem, segundo Michel Collot, uma função emotiva, referencial e estética²⁵.



Figura 9 – Graciete executando a *Sardinha de Peniche*, sob orientação de Ida Guilherme. Foto: T. Perdigão.

Nesse mesmo ano, a artista convoca-nos para uma nova criação, o *Creoula*, que ganha o 1.º prémio do concurso de rendas de bilros de Peniche, sendo a execução da renda da autoria da irmã, Graciete Guilherme.

²⁴ Poema feito expressamente para o *Rip Curl Pro Search 2009*.

²⁵ Michel Collot, poeta e investigador sobre a paisagem, autor de *La Pensée-Paysage*.



Figura 10 – *O Creoula*. Renda de Graciete Guilherme. Foto:T. Perdigão.

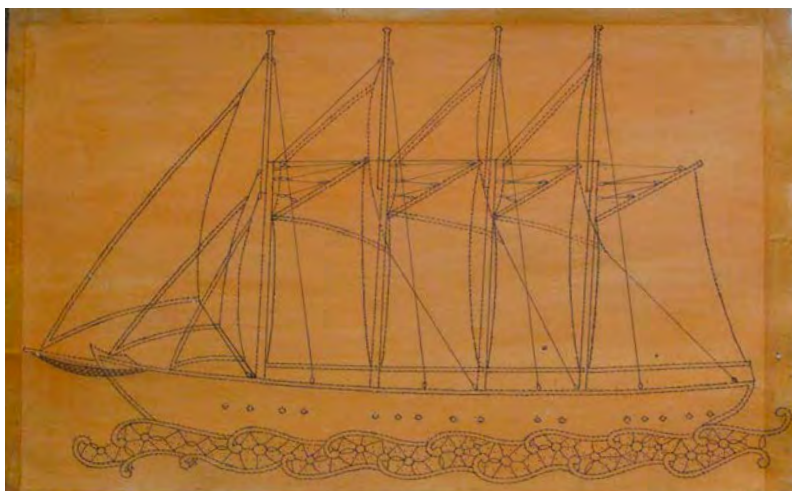


Figura 11 – *O Creoula*, desenho e pique de Ida Guilherme. Foto: T.Perdigão.

Olhos treinados a ouvir e a escutar, ouvidos experientes na observação e mãos peritas em fazer cantar os bilros, revelam um cepticismo espontâneo ao tomar conhecimento que se trata de um motivo executado sem qualquer cerzido²⁶, “numa peça

²⁶ Ver Glossário.

única, com um pique, apenas”, como várias vezes Ida Guilherme me referiu, nas muitas conversas que tivemos. De acordo com as suas palavras, “um belo, genuíno e perfeito desenho é o caminho para a boa execução de uma bonita renda de bilros de Peniche” e acrescenta: “A perfeição do desenho, a picagem e a rigorosa interpretação na execução da renda são a base de uma renda de qualidade.”²⁷

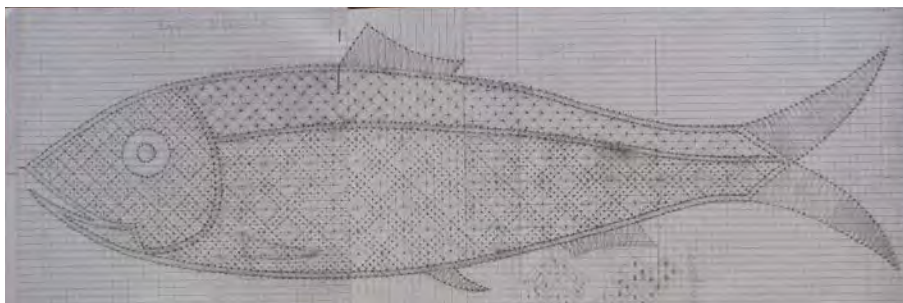


Figura 12 – Desenho de Ida Guilherme. Foto: T. Perdigão.



Figura 13 – *Rebentação*. Desenho e pique de Ida Guilherme. Foto: T. Perdigão

O lugar da sua criação é, definitivamente, o mar. Desde 1989 que experimentava, ensaiava, ousava destacar e diferenciar as criações com que acompanhava a poesia

²⁷ *Piques e Rendas de Peniche*, p.19.

e a pintura, dando talvez a impressão de redução e limitação do tema que sempre a inspirou – o mar.

Porém, é esta criatividade tripartida que dá ritmo e consolida o conjunto das criações a que Ida Guilherme dedicou uma vida sempre inspirada no mar e a ele dedica um poema intitulado *Mar, o meu primeiro amor*, do qual transcrevo algumas passagens:

*MAR, foste o meu berço, / quase em ti nasci/ e até o amor que sinto/ por tudo quanto é mar, a ti te devo, mar, e só a ti. (...) Sem ti seria um ser com menos coração, / porque foste tu, mar, que me ensinaste aquilo que hoje sei. (...). E vai ser, mar, com muita dor/ e muita pena, por te querer, que, ao fechar para sempre meus olhos, mar, eu vou deixar de te ver*²⁸.

O Mar Memória

Imagino a saudade que hoje, aos 90 anos, terá do seu mar, ali tão perto e tão longe. Já não o pinta. Fecha os olhos para o ouvir melhor, como me dizia. Interiorizou-o ao longo dos anos, para o poder sentir vibrantemente, hoje²⁹.

Recordo, por aproximação, o que María Gainza³⁰ diz de Courbet (1819-1877) e do seu *Mar Tempestuoso*, em *O Nervo Ótico*. Ele regressava ao mar como um cavalo sedento ao bebedouro. Os marinheiros chamavam-lhe “a foca”, porque passava horas sobre as rochas a estudar a sua forma e a sua cor (*Ibid.*,71). Diz ainda a Autora que Courbet, como pintor, era territorial, instintivo como um cão. O seu mar encontra a sua textura na paisagem que o viu nascer, uma zona chuvosa, onde a água se infiltra na pedra calcária, nas escarpas, covas e vales, formando canais subterrâneos (*Ibid.*, 69).

A paisagem, tal como a pintou Courbet, parece ter desaparecido ou ter-se transformado, no século XX. Deixou de ser pensada simbolicamente e passou a ser uma

²⁸ *Saberes e Sabores da Terra e do Mar* (2012) s/p.

²⁹ Ida Guilherme vive num lar, na cidade de Peniche. Em Agosto e Setembro de 2021, foi lá que nos encontramos, numa sala, à distância, com máscara devido à pandemia COVID-19, o que dificultou o diálogo. Em Outubro do mesmo ano, foi possível sairmos juntas, de novo.

³⁰ Gainza, María (2018), pp. 67-76.

paisagem pensada cientificamente. Courbet pintava-a e dava-a a ver. Não sabemos como a via.

Ida Guilherme representou o mar tanto na pintura, como nas rendas, sem abstracção. Um mar sempre azul, sempre calmo, apesar de fortes correntes e ondulação se fazerem sentir, com frequência, entre Peniche e a Berlenga, seus lugares de eleição para o contemplar, sentir e viver.

Outros artistas, também influenciados pela paisagem, representam o mar como um alerta. Acontece com Vanessa Barragão (n.1992), artista têxtil, em cujos trabalhos se fundem as suas raízes algarvias, com forte influência do mar. Situa-se numa paisagem ou num lugar vivido por si, mas já pensado cientificamente, alicerçado nos tempos modernos, acrescido de uma consciencialização da sua perda ou degradação.

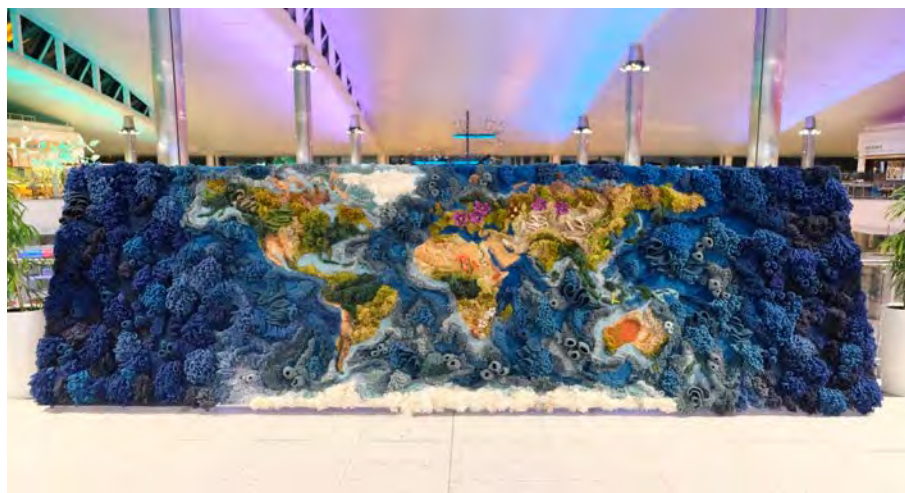


Figura 14 - *Mapa-mundo*. Aeroporto de Heathrow, (Londres). Vanessa Barragão.

Vanessa Barragão faz a denúncia do actual modo de vida que põe em perigo a sua existência, negligenciando-o, destruindo-o mesmo. Das suas obras, diz que elas são a sua ligação ao lugar onde nasceu, são as suas raízes e a manifestação da sua consciência em relação à perda de qualidade daquele bem e à ameaça a que o planeta está sujeito. Representa, com frequência, corais que correm o risco de desaparecer devido ao aquecimento global, por isso os representa em branco, moribundos.



Figura 15 – *Geri Coral* – Vanessa Barragão.

A artista foca os seus trabalhos na necessidade de defender o mar da extrema poluição a que ele está sujeito, defendendo a reciclagem e o trabalho artesanal, inspirando as pessoas a mudar as suas atitudes de forma a manter o planeta sustentável. Não foge, no entanto, a representar a esperança na mudança e na alteração de comportamentos. As cores são um dos seus veículos. Cores fortes são a vida dos corais e um mar com vida e saúde³¹.

³¹ Agradeço a Vanessa Barragão as várias conversas que mantivemos sobre o seu trabalho, bem como a cedência das fotos 14, 15 e 16.



Figura 16 – *Peça Final*. Vanessa Barragão.

Também Ai Weiwei (n.1957), na exposição *Rapture*³², alerta, com insistência, para um mar tempestuoso e hostil para quem procura melhores condições de vida e, simultaneamente, para um mar que envergonha os países que fecham os olhos a este drama humano. Os barcos feitos em bambu ou em borracha, o painel intitulado *Azulejo Odisseia*, ou a pilha de vasos chineses decorados com cenas de refugiados no Mediterrâneo, actualizam, através de ícones ou de materiais enraizados na cultura chinesa, a situação actual, despertando a consciência e difundindo conhecimento, como um grito de protesto, de injustiça e de desumanidade.

O mar de Vanessa Barragão e o de Ai Weiwei não apontam para um mar de *surf*, de divertimento e de lazer. Para ambos, trata-se de um espaço ameaçado e repleto de monstros sôfregos das vidas humanas que fogem da peste, da fome e da miséria.

³² *Rapture*, 4 Junho 2021 a 28 Novembro 2021, Cordoaria Nacional, Lisboa.

Em contraste com o destes dois artistas, que apontam para escassez, ausência, ameaça e drama, Ida Guilherme dá a ver o mar (ou olha-o?) como um local de trabalho, de sonho e de amor. É uma outra interpretação ou visão. Certamente, como diz Collot, é “o produto de uma experiência individual, sensorial e susceptível de uma elaboração estética singular”³³. A rendilheira de Peniche concentra essa experiência no conjunto da sua obra, numa linguagem visual, tendo, como fundo, o mar, actualizando, nas rendas de bilros, as transformações que foi vivendo, como a perda de função das rendas para fins domésticos. Fez delas quadros, adornos contemporâneos, bijuteria e associou-se a um mar onde os barcos de pesca são cada vez menos, mas onde novos desportos lhe renovam a vida.

As criações da sua autoria – *Onda*, *Creoula* e *Peixe* – recebem o visitante do Museu da Renda de Bilros de Peniche, estampadas na vitrina, o que diz do reconhecimento que a cidade e o concelho lhe dedicam e ao seu trabalho.



Figura 17 – Vitrine do Museu da Renda de Bilros de Peniche. Foto T. Perdigão (2021)

³³ Collot, Michel – *Poesia, Paisagem e Sensação*, p.18.

Glossário

Almofada – É sobre uma almofada, de forma cilíndrica, que a rendilheira trabalha. Aí coloca o pique que serve de guião à renda que vai executar. É cheia com palha de centeio, de trigo ou de milho, e forrada com tecido.

Cartão – Suporte que se utiliza para fazer os piques.

Cerzir – Operação de coser duas partes de renda, de modo a que não se note a união.

Desenho – Geralmente executado em papel quadriculado, onde terão de figurar os motivos e os pontos de suporte ao trabalho a executar.

Naperon – Peça de renda de várias formas geométricas.

Pique – Suporte em cartão alaranjado que apresenta o desenho a executar.

Rendilheira – Em Peniche é a denominação dada à pessoa que sabe interpretar o desenho da renda e que a executa.

Bibliografia

Buren, Daniel (1979), “Fonction de l’atelier”, *Ragile*. Recherches artistiques et théoriques, T. III, pp. 72-77.

Cauquelin, Anne (2008), *A Invenção da Paisagem*, Lisboa, Edições 70, Coleção Arte e Comunicação.

Chevalier, Jean et Alain Gheerbrant (1986), *Dictionnaire des Symboles*, Editions Robert Laffont SA, pp.283-284.

Collot, Michel (2011), *La Pensée-Paysage*, Actes Sud, Nature paysage.

Collot, Michel (2015), “Poesia, Paisagem e Sensação” in *Revista de Letras* – N.º. 34 – Vol. I, pp.17-26.

Buren, Daniel (1979), “Fonction de l’atelier”, *Ragile*. Recherches artistiques et théoriques, t. III “De l’art du regard de l’art”, septembre, pp. 72-77.

- Cauquelin, Anne (2008), *A Invenção da Paisagem*, Edições 70, Coleção Arte e Comunicação, Lisboa.
- Chevalier, Jean et Alain Gheerbrant (1986), *Dictionnaire des Symboles*, Editions Robert Laffont SA, pg.283-284.
- Claudel, Paul (1990), *L'œil écoute*, Collection Folio Essais (1.ª Edição 1946).
- Didi-Huberman, Georges (1992), *Ce Que nous Voyons, ce Qui nous Regarde*, Paris, Les Éditions de Minuit, Collection Critique.
- Foucault, Michel (2006), "Uma estética da existência", in Manoel Barros Motta (org.), *Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 288-294 [1984]
- Gainza, María (2018), *O Nervo Ótico*, Alfragide, Publicações D. Quixote.
- Guilherme, Ida (2004), *Piques e Rendas de Peniche, Memórias de uma Vida*, Edição da Autora.
- __ (2005), *O Mar o Amor e o Tempo*, Edição da Autora.
- __ (2008), *Poesia Rendilhada*, Edição da Autora.
- __ (2010), *Amar Peniche*, Edição da Autora.
- __ (2012), *Saberes e Sabores da Terra e do Mar*, Edição da Autora.
- __ (2015), *Abraço Peniche*, Edição da Autora.
- Perdigão, Teresa (2009), "Rendas de Bilros de Peniche – Séculos XX e XXI – O Custo de uma sobrevivência a custo" in *Fios, Formas e Memórias dos Tecidos, Rendas e Bordados*, Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- Pires, Ana e Pedro Rêgo (2005), *Rendas de Bilros de Vila do Conde – Um Património a Preservar*, Vila do Conde, Associação para a Defesa do Artesanato e Património.

Webgrafia

- Entrevista de Georges Didi-Huberman a Gerardo de la Fuente: <https://www.youtube.com/watch?v=m4hLqgrxXdg>;